

FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL NUM *PORTRAIT* DE DOCENTES EM SERGIPE (1950-1970)

Vera Núbia Santos, Universidade Tiradentes/SE

Ao buscar reconstruir o pano de fundo para compreender o Serviço Social em Sergipe na década de 1970, tornou-se importante apreender a fala de sujeitos que vivenciaram alguns momentos na implantação e consolidação do curso, fala estas associadas a uma análise das condições objetivas e subjetivas que imprimiam à profissão naqueles momentos. O uso da narrativa serviu, então, para possibilitar a rememoração e re-visão de um determinado momento histórico que espousa uma estreita relação com o cotidiano dos sujeitos.

Ao rememorar que “entrei no Serviço Social sem saber o que era o Serviço Social”, Núbia já indica um certo alheamento à profissão no estado de Sergipe, embora seja um período de expansão da profissão no país. Num primeiro momento, o da instalação em 1954, foi necessário à Escola de Serviço Social, por ser incipiente como diz Núbia, fazer “segunda chamada para botar número lá dentro porque ninguém sabia o que era Serviço Social”. Nas turmas seguintes já se inicia um momento de ampliação da área, que vai tendo respaldo pelas ações que desenvolve.

E eu tava fazendo curso no Atheneu. Fui fazer um curso no Atheneu específico. Aí apareceu lá pessoas da turma de Núbia. Foi Aidée, que era da Casa Maternal... Aidée e mais duas, duas outras, não sei se foi Maria Luiza Pontes, que foi do diretório... Foram quase nove dias no Atheneu e falar sobre o Serviço Social, sobre a profissão pra poder justamente recrutar alunos pra lá. (...) Eu entrei assim, fui mais justamente pela propaganda feita pelo próprio profissional nas escolas. (Anízia)

É a dimensão “humanista” que a profissão tem que merece destaque porque, afinal,

Você vê que as profissões que não... que desfazem seu caminho humanístico, como medicina... é...num plano do dinheiro, elas entram num horror, entram em corrupção. Porque não pode. Eu acho assim. Gostei do Serviço Social porque o homem é a dimensão do seu trabalho. Você melhorar as condições de alguém. (Núbia)

Nessa profissão a assistência é peça chave. Tendo em vista que a relação da assistência social com a profissão remete ao surgimento do Serviço Social enquanto prática social que “visualizava a assistência como uma forma de controlar a pobreza e de ratificar a sujeição dos trabalhadores aos interesses da classe dominante, expressando-se como um mecanismo de controle social, essencialmente” (Martinelli, 1997, p. 155 – grifos da autora), o modo de pensar essa relação foi-se metamorfoseando, tal qual a identidade da profissão, de forma que se faz mister a elaboração contínua e processual de leituras do Serviço Social e sua função na sociedade.

A professora Cândida traz na memória o fato de ter ingressado no momento de uma significativa mudança no curso. No início da década de 1960 o currículo adquire alterações importantes, afinal a influência das Ciências Humanas e Sociais no Serviço Social não se dá somente em grandes centros, mas também junto às demais unidades de ensino.

Então, quer dizer, eu não sou da turma que era um curso, eu diria, eminentemente preparatório para a assistência, eu já entro como aluna num curso que tá em transição, sem se saber que estava em transição... da assistência... Eu não fui formada pra ser aquelas damas, do Serviço Social, nem ser a voluntária, nem ser... O Serviço Social não era mais só caridade. (...) E você veja que o alunado anterior eram freiras... e naquele tempo a gente... hoje nem existe essa linguagem, eu creio (ri), eram pessoas solteiras, quer dizer, não tinha mulher... a mulher que tava querendo deixar de ser a mulher titia pra ser, ser não, ter uma utilidade profissional. Eram as moças ricas... no passado, moças ricas. (Cândida)

Essa influência aponta também para algumas alunas a necessidade de se construir um trabalho final de curso com bases teóricas. A experiência de Amy, por exemplo, já não era mais a da descrição das atividades do estágio desenvolvido pelas alunas.

*E tanto é que quando eu me formei, eu me lembro muito bem, o TCC... depois eu entro na década de se... o TCC era, se discutia muito sobre valores, porque a influência religiosa me parece, ela teve assim uma influência muito grande assim no Serviço Social. Então se discutia... por exemplo, **o meu TCC foi um TCC teórico, ele era sobre valores universais, se existia um valor, repare, se existiam valores universais no Serviço Social, embora fosse uma prática mas... atendia a valores da dignidade humana, da liberdade, da justiça, né, quando se falava em justiça ainda encaminhava bastante pra uma discussão.** (grifos nossos)*

Esse revolver da profissão está diretamente relacionado às transformações decorrentes na sociedade, possibilitando uma maior expansão da profissão e inserção nos novos campos e a década de 1960 foi ilustrativa nesse sentido. A grande absorção nas instituições assistenciais e previdenciárias no estado ou setores empresariais legitima a intervenção profissional e garante uma identidade de profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho. Cândida lembra ter sido “absorvida pela escola, totalmente. Os que quiseram foram absorvidos... primeiro a gente não tinha aquele problema de emprego, e nós saímos todas como competentes e eu acho que a gente deu um recado para eles”.

O profissional que se requer nessa década tem que antes de tudo competente para atender as demandas postas “quer nos vários planos do aparato estatal, quer nos terrenos que a grande empresa privada lhe oferece” (Netto, 1981, p. 74). Mas competência era uma das características que permeavam o profissional da área. E de que competência se fala? Chauí (1997) trata da competência de um discurso legitimador e, portanto hegemônico, instituído para dar reconhecimento a “um fenômeno histórico preciso: a burocratização das sociedades contemporâneas e a idéia de Organização que se encontra na base desse fenômeno” (p. 8)

Ao trazer essa discussão para o Serviço Social, Iamamoto (1992) faz um contraponto a essa assertiva, direcionando, no bojo da formação profissional, três implicações no sentido de superá-la e contradizê-la. A competência passa, nesse sentido, pela capacidade de criticar o discurso instituído “quando vai à raiz e desvenda a trama submersa dos conhecimentos que explica as estratégias de ação” (p. 184). Esse movimento sugere a ruptura da alienação da profissão no sistema vigente, que apresenta nesse momento dois grandes obstáculos: “a estrutura reificada da sociedade capitalista, de um lado, e os próprios condicionantes da prática social burguesa, de outro” (Martinelli, 1997, p. 139)

Trata-se do *modo de aparecer* da profissão nas décadas de 1960 e 1970, no qual subsistem as contradições que permeavam o evoluir do Serviço Social no Brasil na aderência à reconceitualização. Dentre as contradições, a inserção cada vez maior de pessoas da “classe média”, referendando o assalariamento do profissional, conseqüência do reconhecimento de uma profissão que passa a legitimar-se nas ações cotidianas e a fortalecer-se nessas ações.

O meu curso já mudou até a característica do alunado, era alunado classe média querendo se impor. Eu não tive... não, a rica do meu curso não concluiu. A rica que o motorista ia levar, ia buscar e tal, não concluiu!, deixou no meio do caminho pra casar. Quem ficou da minha, na minha turma era 6. Quem ficou, é... ficaram as classes médias buscando espaço profissional e identificadas com aquele espaço profissional. E tanto é que a turma foi absorvida, foi uma turma privilegiadíssima, Léa saiu pra o CONDESE com Aloysio Campos, e pra universidade, mas... mas mais pra o CONDESE, a universidade era mais bico, universidade não, escola... (Cândida)

O cenário que dá visibilidade a esse crescente espaço que tem bases na laicização do Serviço Social na segunda metade da década de 1960, que gerou “a *diferenciação* da categoria profissional em todos os seus níveis e a conseqüente *disputa pela hegemonia* do processo profissional em todas as suas instâncias” (Netto, 1994, p. 128 – grifos do autor).

A identificação com o espaço profissional requer um certo conhecimento da profissão, que começa expandir-se. Já não se vincula diretamente às instituições assistenciais existentes, mas inicia a implantação nas indústrias no estado, assim sendo, a formação acadêmica deve ir além, pois “o profissional requisitado... tem pouquíssimo a ver com o modelo de quadro e referencial de intervenção construídos pelo Serviço Social tradicional” (Netto, 1981, p. 74). As

experiências de Anízia, que implanta o Serviço Social nas fábricas existentes no estado, quando da sua “absorção” pelo SESI, convergiu para ações que possibilitaram vincular um trabalho cotidiano com uma ação política junto ao círculo operário.

Agora, aí a gente já evoluiu um pouco a mentalidade política da gente, e aí eu devo muito isto a D. Távora, sabe? Ele aí começou a trabalhar com a gente, como era o círculo operário, eu comecei a levar D. Távora para as empresas, ele fazia palestras, ele mostrava pro trabalhador o direito que o trabalhador tinha...

As ações desenvolvidas nas empresas que inicialmente eram voltadas para formação de grupos, atividades culturais e de lazer, passam então à formação de lideranças. O envolvimento das estagiárias do curso de Serviço Social possibilita que a profissão adentre os círculos operários, que está em fase de retração de emprego em virtude do fechamento de algumas indústrias no estado e pela falta de expansão no setor. Faz-se mister entender que essa articulação não estava desvinculada de uma ação compensatória da relação “patrão/empregado”, com a implantação de atividades de sociabilidade do trabalhador das indústrias e familiares.

Nós só tivemos uma ação não muito grande na Estância, porque Estância tinha problema muito sério político com o dirigente do SESI e não deixava nenhuma assistente social penetrar lá (...) Eu achei que as coisas regrediram muito, viu, nessa área, mas na Estância, na parte cultural do trabalhador tinha cinema, tinha biblioteca, tinha teatro, tinha tudo, era uma comunidade, tinha tudo lá dentro! Inclusive em Neópolis também (...) Eles tinham um bloco de carnaval, eles tinham tudo, e viviam na comunidade operária! E nós tentamos fazer um pouco em São Cristóvão, e criamos também o clube de mães não só dentro da empresa, como na própria comunidade. Tinha os cursos... Tudo isso era coordenado pelo Serviço Social. (Anízia)

A profissão vai se metamorfoseando, refazendo-se constituindo novas demandas à profissão. Na Escola Técnica Federal, um campo que se inicia na década de 1960, a experiência de Diná na implantação do Serviço Social foi junto a líderes estudantis.

Mas é... era lindo. Fui a primeira pessoa. Mas foi um trabalho tão bonito, me ensinou tanto (...) Lá na... na época, os meninos eram considerados de classe baixa, indisciplinados, ta entendendo, quando passavam no parque queriam quebrar tudo. Ai quando nós fomos trabalhar (...) pelas normas do ensino técnico, industrial, ia ter orientação educacional, na equipe um psicólogo, um assistente social e um orientador. Ai não tinha nenhum deles. (...) Mas que trabalho, que trabalho (ênfatiza) bonito. Não é porque eu tava metida, não, foi o efeito... inclusive deu líder sindical em São Paulo... Agora eu pego quem? Os indisciplinados, claro, que eu não queria meninos bonzinhos. Eu tinha que fazer o controle, tinha que ser através de quê? Dos meninos mais ativos.

Para o profissional começa a ficar claro o papel do Serviço Social. “Então, o que é o papel do assistente social? É o facilitador das relações”. Ao tecer tal comentário, Núbia sintetiza e aponta o caminho trilhado nas décadas de 1960 e 1970, não sem algumas resistências no interior do corpo docente da época, pelo curso de Serviço Social de Sergipe. Esse caminho está pleno de mudanças e contradições com o advento da Reforma Universitária. Dentre as mudanças, quatro itens são referenciados pelas entrevistadas: o concurso para provimento de vagas na Universidade Federal de Sergipe, a necessidade da pós-graduação *stricto sensu*, os cursos de especialização promovidos pela Universidade e a mudança de sistema e de currículo, que alteram sensivelmente a relação da Faculdade com as instituições receptoras de estagiários do curso de Serviço Social.

O terceiro grau é o estudo da análise, da comparação, da interpretação... Não pode ser feito sem o respaldo filosófico. Eu sofri muito, ainda estudo uma coisa ou outra, mas é capenga. O homem é...

sofre o dilema ético. Então não pode excluir a filosofia de jeito nenhum. Como também a História... Acho que são fundamentais. (Núbia)

Uma das possibilidades de aprofundar e também reverter essa “limitação”, que era uma das demandas da Reforma Universitária é a pós-graduação *stricto sensu*, naquele momento existente na área somente nas PUC’s de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Ninguém queria ir, não. Continua... porque não pode deixar o marido, deixar as coisas... Todas eram casadas, era esse problema todo. Eu fui porque era divorciada e Diná porque (risos) era pra se divorciar. Luiza era solteira. Quem foi pra lá de casada foi Ana e Lica. (Núbia)

A pós-graduação era viabilizada pela própria Universidade para a capacitação do quadro docente em várias áreas. Já é início da década de 1970 e essa é uma prerrogativa de lei. O apoio de professores já titulados e inseridos no quadro de docentes da Faculdade de Serviço Social foi de grande importância para aqueles não titulados. Amy lembra dessas contribuições.

Uma coisa que ele trouxe, que eu utilizei para começar a aprofundar minha disciplina na época, que era Serviço Social de Casos, foi alguns livros que ele me trouxe, um deles se chamava "The roots of social work", "As raízes do Serviço Social", aí o camarada, não me lembro o...eu não tirei xerox desse livro, eu tinha só um resumo, ele não, acho que ele nunca foi publicado em português, esse livro, não sei. Era "As raízes do Serviço Social", muito interessante porque ele dividia as raízes do Serviço Social em raízes protestantes, católicas e judaicas... olha, ele fazia tanta, tinha tanta religião assim, as origens religiosas, os valores que tavam permeando, a aí ele colocava assim um histórico dessa coisa. Eu me lembro muito bem desse livro que eu li e que era considerado uma novidade nos Estados Unidos, isso mais ou menos em 69, 70.

Para além de subsistir às mudanças implementadas, que por certo contribuíam para o evoluir da profissão em Sergipe, urge voltar para as condições de efetivação de uma capacitação exigida pela legislação em vigor. Na falta de condições objetivas para inserir-se nas pós-graduações existentes no país, restava o empenho nos cursos de especialização oferecidos pela Universidade.

E a gente conta... aí já teve a contribuição de Jean Roberto... de outras... Leise Roriz, de tudo, já era uma nova fisionomia, já tinha o vínculo da universidade, já tinha as exigências de mestrado... a gente até já tinha que ser... a gente foi obrigada a fazer especialização aqui. Nós fizemos dois ou três cursos de especialização, na medida que a gente não podia ir pra pós. Os que puderam foram, os que puderam, que tinham essa garra foram... (Cândida)

Esses cursos contam com a participação de professores com inserção no cenário nacional e vêm dar suporte à estruturação desse novo órgão. Dentre os professores que lecionaram nos cursos de especialização, tem-se a indicação de professores que chegaram a estreitar relações com a Faculdade de Serviço Social, como

um queridíssimo da gente, da Paraíba... Ivandro! (bate na mesa). Ivandro, que agora eu não sei o sobrenome. Ivandro é uma criatura, assim, belíssima, competente; Ivandro tinha vindo dar, naquelas fases dos cursos de especialização, Ivandro tinha vindo dar cursos a gente, então ele tinha um vínculo, é, afetivo com a gente e com Jean Roberto. (Cândida)

Outra prerrogativa da instituição da Universidade era o ingresso por concurso público, e no caso da Faculdade de Serviço Social, o concurso beneficiou os professores que não tinham pós-graduação, mas que já pertenciam ao quadro docente na década de 1960.

Eu não me lembro quando foi que eu fiz o concurso pra, pra entrar no quadro da universidade eu tive que fazer o concurso para assistente. Teve uma lei que beneficiou alguns... beneficiou os professores

das universidades, né, que... recém-formados, eu não me lembro bem. Agora, fui eu, área de Direito teve, esse que hoje é desembargador, eu me esqueço o nome dele (...) teve um pessoal aqui que anda na universidade... e aí a gente sem mestrado tinha possibilidade de fazer um concurso de títulos e prova para ingressar no quadro da universidade. Na medida que a gente viesse a fazer mestrado poderia ser... é, chegar a assistente. Mas a gente tinha que fazer esse concurso, não é? (Amy)

A Universidade não só deu ao professor reconhecimento e *status* como garantiu um salário que referendou esse *status*. É importante considerar que a atribuição da importância desse profissional no Serviço Social ganha maior densidade sob o signo da “autocracia burguesa”, embora seja contraditório é o momento em que o estado está iniciando sua ação junto às políticas sociais.

Eu tô lutando por salário é hoje, por conta de Fernando Henrique, mas, é, no começo não. Nos primeiros anos de escola eram gratificações, quase, e as irmãs eram claras e diziam. Mas ali o que segurava muito era a vocação minha, de Anízia, de Diná, a gente ensinava praticamente de graça. Depois quando passou a universidade a gente teve um tempo áureo de reconhecimento... era a época que o professor ainda, professor universitário ainda era alguma coisa, tinha o seu reconhecimento. Agora a gente voltou (risos), a gente agora caiu, não pode cortar a força, corta funções, corta aquilo, corta... (Cândida)

Para além de consolidar o espaço da profissão no estado de Sergipe, a instituição da Universidade solidifica a atuação do assistente social abrindo espaço para implementação de novas ações. Já não se volta para um voluntarismo, mas se firma no que Iamamoto (1992) chama de *arranjo teórico-doutrinário*. Essa dinâmica é a dinâmica da Faculdade de Serviço Social que, embora constituída e instituída nos moldes da Doutrina Social da Igreja Católica, apresenta novas dimensões de atuação, não só sedimentadas nos preceitos religiosos. Anízia lembra da importância da Madre Albertina Brasil nesses momentos, como uma grande dinamizadora do Serviço Social em Sergipe.

Albertina, ela contando como começou a dirigir essa Escola, você morre de rir. Que ela diz “me entregaram a escola e eu ‘meu Deus, o que eu vou fazer com isso?’” (risos). Se ela contar, é ótimo. Mas ela levantou realmente, a escola passou a ser um centro de muita convergência (...) Ela é mineira. Ela veio pr’aqui. E depois, ela se entrosou tanto, ela diz que é a segunda terra dela. Ela adora Aracaju. Aliás, ela aqui é muito querida, realmente.

Quanto à extensão das ações desenvolvidas fora do âmbito das instituições assistenciais, a reação imediata é de descrédito, principalmente com a implantação do trabalho comunitário depois da experiência do Movimento Eclesial de Base. O curso ainda tem por direção os valores religiosos, mas a Igreja já se encontra num processo interno de renovação, com o Concílio Vaticano II. A experiência trazida pela diretora de então, Madre Albertina, tem alguma resistência

Ela teve uma força muito grande, porque implantar o Serviço Social aqui foi fogo. O pessoal não acreditava...Depois, andar com o pessoal: “como é que ficou comunista?” Porque trabalhava com os pobres e ficou sob suspeita. Minimizava logo “você que vive com a marginalia não é profissional que preste”.(Núbia)

Vieira et al (1987) lembram que o trabalho comunitário responde ao processo de crescimento econômico acelerado que a perspectiva de desenvolvimento “especialmente em sua vertente juchinista [que] une, de forma categórica, desenvolvimento e industrialização” (p. 116) implantou no país. Mas com a implantação da Universidade, o espaço de atuação se expande, sendo criado o Centro de Extensão Cultural e Ação Comunitária.

O Festival de São Cristóvão foi ela que criou. Começou com ela. O CECAC foi ela que organizou, foi ela que criou aqui o CECAC. Uma pessoa muito empreendedora também, muito. Uma pessoa muito interessante. Eu acho um exemplo de vida aquela mulher. (Anízia)

As mudanças ocorridas na Faculdade de Serviço Social também levam a marca de profissionais seculares, que foram dando contorno aos preceitos da formação acadêmica na década de 1970. Esses profissionais dão uma “guinada” no curso, que levou a uma nova dinâmica na relação instituição de ensino/instituição da prática em que se afirma passagem para um conduto teórico da profissão.

É. Muita guinada. Eu acho, são pessoas, são pessoas que eu considero que foram marco na história, na nossa escola. Albertina, D. Távora, é... Jean-Robert, Diná. Luiza também deu uma boa contribuição, que Luiza foi algum tempo dirigente, dirigiu a Faculdade, mas... Izaura. Foram pessoas que deram muita contribuição. Mas pra mudanças na parte teórica, científica, eu considero Jean-Robert e Diná duas pessoas muito importantes. (Anízia)

Tratar das mudanças teóricas implica na mudança de postura quanto a uma formação tradicional no Serviço Social, que se pautava em dar alcance a procedimentos sistemáticos para atingir os objetivos propostos de ação profissional, embora a relação entre a instituição de ensino com as instituições da prática já não pautasse, na década de 1970, o apoio que outrora caracterizava a grande inserção do profissional na área.

Anízia teve uma época que teve muita dificuldade em arranjar campo de estágio, por conta das modificações... O pessoal tinha medo, tinha medo porque não tava preparado, os profissionais, eu... eu vejo assim. Eu não tenho um dado científico pra lhe dizer isso, não, mas o que a gente sentia era isso, era um pouco... medo do campo de estágio. Agora se tinha medo, antes não. (Cândida)

Começa, então, a um relativo distanciamento entre a Faculdade de Serviço Social e as instituições da prática porque a formação acadêmica já não responde à “realidade social”.

Naquela fase que eu fui aluna nunca se teve problema com campo de estágio, depois começou a ter, e que Anízia ficava louca porque o semestre começava, e também veio a Reforma Universitária, as turmas aumentaram, turmas de trinta, de cinquenta, por semestre, e onde botar tanta gente? E agora que os profissionais não estavam mais querendo... estágio. E... a principal discussão era essa, era... o profissional tinha medo da universidade. Se fazia até cursos, mas... tinha uma aceitação mas não era assim tão... tão plena. Porque a gente já tava saindo de uma época viciada... é, uma acomodação “já me formei, to pronta!” (Cândida)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de compreender o processo de formação profissional em Sergipe, na década de 1970, tornou-se necessário buscar nos sujeitos responsáveis diretamente pela formação acadêmica suas expressões sobre as tendências teórico-metodológicas que concorriam nesse período. O uso da narrativa, para além de permitir a rememoração dos aspectos investigados, levou a uma aproximação à História Oral. A qualidade das narrativas e o aprofundamento dos vários aspectos presentes nas falas dos sujeitos possibilitaram o enriquecimento do levantamento bibliográfico e documental inicialmente pesquisado. Surgem novos significados, permitindo uma releitura de fatos e acontecimentos marcantes para a profissão em Sergipe, mas também para os sujeitos entrevistados. Essas leituras levam a perceber que é na compreensão do significado da profissão para os entrevistados que se localiza também o próprio sujeito, que se constrói/reconstrói na constituição do Serviço Social em Sergipe.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. 1997. *Cultura e democracia*. 7. ed. São Paulo: Cortez.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. 1997. *Serviço social. Identidade e alienação*. 5. ed. São Paulo: Cortez.
- NETTO, José Paulo. 1981. A crítica conservadora à reconceptualização. *Serviço Social e Sociedade*, n. 5, São Paulo, pp. 59-75.
- _____. 1994. *Ditadura e serviço social*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- SANTOS, Vera Núbia. 2001. *A Faculdade de Serviço Social de Sergipe*. Dissertação. PUC/SP.
- VIEIRA, Ana Cristina et al. 1992. *Ensino de serviço social no nordeste*. Tese. PUC/SP.